

VIAJORES DA LUZ

CHICO XAVIER
ESPÍRITOS DIVERSOS

Conteúdo resumido

Em luminoso retorno, espíritos vinculados ao progresso de importantes cidades do Noroeste Paulista voltam com provas irrefutáveis da vida além da vida.

Sumário

Prefácio pág. 03

Apresentação pág. 04

Carlos Alberto Andrade Santoro pág. 05

Lidai Benini pág. 19

Cícero Barbosa Lima Júnior pág. 26

Domingos Pignatari pág. 33

Carmelo Grisi pág. 45

Prezado Leitor

Todo um grupo de amigos, hoje domiciliados na Espiritualidade, escreveram este livro, através de comunicados, endereçando notícias aos familiares e companheiros que ficaram no Plano Físico.

Manifestaram-se, porém, identificando-se de tal modo que as informações e conceitos, por eles emitidos, transcendem o ambiente doméstico para servirem de reconforto e apoio espiritual a todos aqueles que lhes perlustrem as páginas.

Corações iluminados por alentadores raciocínios, esses generosos companheiros transformaram este volume em fonte de esperança e paz, instrução e consolo que te ofertamos, na certeza de quem encontrou nele abençoada seara de renovação.

Cumprindo o dever de apresentá-los, na nobre condição de viajores da luz, que a todos nos edificam por suas manifestações de esclarecimento e de amor, deixamos este livro ao sabor de tuas próprias análises, rogando a Jesus, o Divino Mestre, a todos nos inspire e nos abençoe.

Uberaba, 17 de novembro de 1980

Apresentação

VIAJORES DA LUZ é o mais recente lançamento do GEEM, pertencente à série Jovens no Além, na qual se incluem Jovens no Além (1975), Somos Seis (1976), Crianças no Além (1977), Vida no Além (1980) e agora Viajores da Luz.

Algumas das citações contidas no texto psicografado deste livro são familiares aos leitores que já tiveram a oportunidade de conhecer Vida no Além, editado recentemente.

Prepare-se, leitor amigo, para uma viagem pelo mundo do Espírito, pois os VIAJORES DA LUZ não nos levarão a paragens imaginárias, ao sabor do realismo fantástico de Bergier, Palwels ou Robert Charroux. Eles nos conduzirão, sim, ao mundo das verdades eternas do Espírito, mostrando que encarnados e desencarnados, somos seres imortais da Criação, em constante intercâmbio, regidos pelos laços indestrutíveis do Amor, a superarem as barreiras transitórias da morte.

Caio Ramaciotti

São Bernardo do Campo, 17 de novembro de 1980



CARLOS ALBERTO ANDRADE SANTORO

Nasceu em São Paulo, capital, no dia 6 de agosto de 1951, e faleceu em acidente aéreo no dia 23 de fevereiro de 1972, na Fazenda dos Portugueses, município de Nhandeara, próximo a Votuporanga, cidade onde o nosso biografado residia.

Vinte anos apenas, quando de seu falecimento, iria iniciar o curso de ciências na Faculdade de Ciências e Letras de Votuporanga. Funcionário da Câmara Municipal local, fazia também o curso de piloto civil e, quando o avião caiu, encontrava-se junto de seu próprio instrutor, Denizard Vidigal, que também sucumbiu ao acidente.

Filho do Capitão Constantino Santoro e de D. Almira Andrade Santoro, deixou 4 irmãos: Antonio Carlos, Carlos Almir, Carlos Alcir e Rosa Andrade Santoro. Jovem espírita, membro da Mocidade Espírita Emmanuel de Votuporanga,

que chegou a presidir, teve participação intensa no movimento espírita da região.

Talvez pela formação religiosa, aliada à sólida cultura que despontava em um rapaz de apenas 20 anos, é que se explica o fato de sua manifestação por Chico Xavier ser tão rica de citações, e o que mais causa estupefação, por apresentar a particularidade da lembrança de uma vida imediatamente anterior, quando sabemos que as recordações do passado não surgem com tanta facilidade assim, principalmente se considerarmos a necessidade de adaptação do espírito ao Plano Espiritual, nos primeiros tempos que se lhe seguem à liberação da experiência física.

O leitor observará no comunicado, entre outros, um fato de importante significação:

- ao reconhecer-se "morto" para o nosso mundo, CARLOS ALBERTO sentiu-se transportado, não para Votuporanga, mas para a vizinha cidade de Rio Preto, onde teria vivido sua encarnação imediatamente anterior, quando participou da Revolução Constitucionalista de 1932.

Aí, surpreendeu companheiros de vivência anterior, nomeando-os ao pai. Diz, Carlos Alberto, em determinado trecho do noticiário transmitido:

"Encontrei muitos companheiros de doutrina que me ajudaram, mas eu sempre tinha uma profunda admiração por nossos rapazes mortos, ao tempo de certas lutas. Papai, o senhor lembrará facilmente. Eram os nomes de Carmo Turano, de Elydio Verona, de Isoldes, de Antonio Duarte e de João Batista de Araujo que eu sempre rememorava."

A seguir apresentamos a foto do Mausoléu aos mortos na Revolução de 1932, existente em São José do Rio preto, com destaque para os nomes inscritos nas duas lápides de bronze.

Ai o leitor anotará os nomes referidos, além de dois outros que não são assinalados por Carlos Alberto.



Importante registrar que um dos jovens citados na mensagem - João Batista de Araújo - não tem o seu nome inscrito nas lápides, mas trata-se efetivamente de um revolucionário de 1932, nascido em Franca - SP, no final do século passado, e falecido em combate.

Carmo Turano nasceu em Rio Preto no ano de 1910, Antonio Duarte é natural de Tambaú, tendo nascido em 1905; Elydio Antonio Verona, nasceu em 1913 na cidade de São Carlos e Isoldes (Ipiroldes Martins Borges) é de Serra Azul, 1915, cidades do interior paulista.

Destacamos esse tópico do texto psicografado, a fim de gravar especialmente algo que não é comum: a regressão logo após a morte às recordações de uma vida imediatamente anterior, com o reencontro de companheiros de então.

A nosso ver, só esse pequeno trecho da carta, com a menção de nomes difíceis e invulgares, já demonstra a grandeza de espírito de CARLOS ALBERTO, além de, mais uma vez, evidenciar a limpidez da transmissão mediúnica de Chico Xavier.

Vamos, então, à palavra de CARLOS ALBERTO ANDRADE SANTORO, psicografada na noite de 11 de março de 1977, cinco anos após a desencarnação.

[Mensagem psicografada por Francisco Candido Xavier na noite de 11 de março de 1977, em Uberaba - Minas Gerais.](#)

Meu querido papai, minha querida mãezinha e meus irmãos. Peço a bênção de Deus para nós todos.

Dias cobrem os dias e até as coisas que conhecemos na Terra se superpõem umas às outras, dando a idéia de que o esquecimento domina tudo.

Dizemos "tudo passa", entretanto, meus amados, "tudo fica", porque os negativos fotográficos estão incrustados no gabinete da memória e basta querer para que as imagens se reproduzam com todos os traços que desejamos lembrar e até

mesmo com aqueles outros que possivelmente não quereríamos rever.

Digo assim para mostrar-lhes que o nosso lar feliz está em mim, como sempre, que Antonio Carlos está em meu coração, como sendo o irmão de quem nunca desejava me separar, que o Carlos Almir, Carlos Alcir, a Rosa (1) e todos os nossos estão comigo, como se eu vivesse no cinema da saudade, embora com os filmes da juventude presente, repletos de esperanças e de sol.

Papai, eu sei que o senhor desejava minhas notícias. Penso que pela intuição, o senhor e a mamãe sabem tudo. Sabem que eu não queria vir para cá cedo assim, que a minha sede de aprender nunca se esgotava e foi por isso que o Aero Clube me conquistou.

Posso dizer que deixei o meu corpo terrestre aprendendo... Compreendo. Isso não dá conformação, nem alegria, mas, de algum modo, me sinto satisfeito ao pensar que sempre tentei cumprir os meus deveres de rapaz cristão e espírita, com bastante conhecimento da responsabilidade de viver. Não sei até hoje por que manobras o aparelho nos desobedeceu. Vi nos olhos do instrutor Denizard aquela expressão de espanto que me contagiava, mas isso não durou muito tempo. A queda era verdadeira e a perda do corpo não menos certa. Creiam, porém, que as nossas conversações e preces me ajudaram no momento X. Entendi que o meu raciocínio sofrera um baque indescritível e que os pensamentos me escorriam da cabeça para fora, assim como quando o sangue escapa das veias num processo hemorrágico.

Meus últimos pensamentos, porém, naquela hora de mudança, foram para Deus, pedindo a Ele, nosso Pai Celeste

os fortificasse, que desse aos meus pais e irmãos queridos, compreensão e conformidade. Mas vocês, queridos pais, reconhecem como dói no coração aquela expressão "nunca mais". Eu sabia que esse "nunca mais" se referia ao corpo e não a mim, o espírito imortal que sobreviveria ao desastre, mas, ainda assim, o gosto de adeus é por demais amargo para que a gente o sinta sem chorar... Chorei, dentro de uma imobilidade que eu não saberia descrever, e, em seguida, notei que mãos de enfermagem me anestesiavam. Era o sono, o sono da bênção, porque, entre a morte do corpo e o renascimento na Vida Espiritual, Deus colocou um desmaio providencial. Quando acordei, me vi sem qualquer ligação com o nosso amigo Denizard e com a nossa gente amiga de Votuporanga.

Pensava naqueles companheiros de tarefa de todos os dias. Papai, lembrava-me de todos: do Lidaí, do Doutor Orlando, do Carmelo e do Romeu (2); entretanto, como que uma nova personalidade estava em mim, como imagem que estivera oculta. Vi-me em outra cidade diferente da nossa e sentia-me ligado espontaneamente a todos os que me vigiavam com ternura (3).

Meu avô Santoro (4) estava velando por mim, mas no meu íntimo eu era outro rapaz do tempo em que o País estava convulsionado por lutas muito grandes. Tive a idéia de estar na cidade onde havia assumido o compromisso de deixar o corpo violentamente. Despertava sob os céus em que fizera a dívida que eu resgatara. Conte papai, tudo isso ao Romeu. Parecia sonhar, mas não era sonho. Eu me via na Cidade onde me fizera devedor.

Acordei, achava-me num educandário-hospital dirigido por antigos Benfeitores de São José do Rio Preto. Meu

bisavô Santoro me afagava e minha Tia Maria (5) me falava com bondade, mas não precisavam doutrinar-me quanto à grande Renovação. Ouvi as preces da mãezinha e os acontecimentos de casa, naqueles instantes recentes, que se sucediam à minha desencarnação violenta, desenrolavam-se diante de meus olhos com uma persistência de pasmar. Então compreendi que mesmo nós, os espíritas da mocidade e da madureza, ao que penso, não nos achamos assim tão preparados para a transferência de afano, como julgamos, porque o choro do Antoninho Carlos me arrasava e as lágrimas do senhor e da minha mãe caíam sobre minha alma como se fossem gotas de algum ácido que me queimava por dentro todas as energias do coração.

Mas a prece veio por brisa de amor apagar o fogo do sofrimento que lavrara. A conformação perante as Leis de Deus nos instilava vida nova e fui melhorando. Encontrei muitos companheiros de doutrina que me ajudaram, mas eu sempre mantinha uma profunda admiração por nossos rapazes mortos, ao tempo de certas lutas. Papai, o senhor lembrará facilmente. Eram os nomes de Carmo Turano, de Elydio Verona, de Isoldes, de Antonio Duarte e de João Batista de Araújo (6) que eu sempre rememorava. Pois todos eles me apareceram na beleza do ideal que viveram para a terra que Deus me dera para viver. Formei com eles e outros um pequeno grupo de trabalho e cooperadores de antigos mestres da Cidade, dentre os quais o professor Benedito Correa, as professoras D. Ana Veronesi, D. Rosa Albano, D. Maria Júlia Alvarenga e D. Gertrudes do Amaral Sales (7) e estamos colaborando com a nossa juventude e com os nossos amigos de Rio Preto, na parte espiritual da Cidade, sempre tão querida e sempre tão nossa. O serviço a fazer, graças a

Deus, tem crescido para a nossa felicidade, não que desejamos venham os outros a precisarem de nós, mas pela oportunidade de aprendermos a ser útil, precisando muito mais deles do que eles de nós. Aqui reformulei o que eu pensava da caridade. Aquele que nos recebe com amor nos dá sempre muito mais do que qualquer valor que lhe possamos oferecer.

Creio que espíritos existem que pedem a Deus existências de imensa luta, não só para se elevarem, mas a fim de se converterem no material de ensino àqueles outros que se colocam na condição de doadores. Às vezes, damos um momento de assistência espiritual e recolhemos lições para muitos meses de meditação construtiva.

Trabalhar estudando e estudar trabalhando para mim são dois verbos que se complementam. Continuemos, querido pai, agindo na construção do bem, quando pudermos. Só o bem permanece nas recordações que ficam, porque só o bem fornece alegria bastante para ser recordado.

Antonio Carlos, peço a você não esmoreça. Um dia, você observará que as tarefas executadas em regime de obstáculo têm muito mais valor que as outras feitas por nós, com os movimentos livres. Estamos juntos. Agradeço a fé em Deus e na Vida com que me fitam os retratos. Agradeço à mãezinha esse silencioso amor, recheado de saudade que recebo todos os dias. Para nós, em verdade, a dor da saudade é muita grande porque é mais consciente.

Não choramos pela separação assim como quem caminha sem rumo, mas sentimos a ausência com aquela certeza de reencontro que tanto mais dói, quanto mais demora a acontecer. Estamos, contudo, com Deus e em Deus. Vivemos

e trabalhamos, dialogamos e nos entendemos uns aos outros, sempre juntos.

Agora é o ponto final em papel e lápis. Noite a dentro, continuaremos em nosso intercambio, agradecendo a Jesus a felicidade de crer e o dom de esperar sem desesperar.

Queridos paisinhos e queridos irmãos agradeçam por mim os amigos que me toleraram, escrevendo esta carta de filho saudoso.

Ainda um ponto. O nosso amigo Denizard está em outros setores de que não posso fornecer notícias tão detalhadas. Mas sei que vai bem.

Queridos meus, recebam o coração do filho reconhecido e do irmão que não os esquece.

Seja a bênção de Deus com todos vocês, e que as estrelas da Paz e da União continuem enfeitando a nossa casa por dentro, para que o nome de Jesus seja sempre para nós todos uma luz e uma bênção, são os meus votos, votos do coração do filho e irmão reconhecido.

A mensagem de Carlos Alberto

1 - Irmãos de Carlos Alberto, já identificados.

2 - Lidai, Dr. Orlando, Carmelo e Romeu - amigos de Votuporanga e Rio Preto: Lidaí Benini, Dr. Orlando Van Erven Filho, Carmelo Grisi e Romeu Grisi, nomes já nossos conhecidos do livro Vida no Além. À época do falecimento de Carlos Alberto estavam todos encarnados: hoje, já se encontram no Plano Espiritual, o Lidaí Benini, Doutor

Orlando Van Erven Filho e o Sr. Carmelo Grisi, este recentemente desencarnado em São José do Rio Preto.

3 - Entretanto, como que uma nova personalidade estava em mim, como imagem que estivera oculta. Vi-me em outra cidade diferente da nossa e sentia-me ligado espontaneamente a todos os que me vigiavam com ternura - sobre essas palavras de Carlos Alberto já nos detivemos no capítulo precedente, quando aludimos a recordações dele, com relação a existência anterior.

4 - Meu avô Santoro - Vicente Santoro, falecido em 1966, com 80 anos de idade, em Votuporanga.

5 - Bisavó Santoro e Tia Maria - Miguel Santoro, desencarnado em 1940, na cidade de Leme - SP. Evidentemente, Carlos Alberto não o conheceu em vida.

Provavelmente a Tia Maria seja sua tia-avó, Ana Maria Santoro, falecida nos idos de 1922 e conhecida como Tia Maria.

6 - Carmo Turano, etc., já comentamos a respeito anteriormente.

7 - Benedito Correa, Ana Veronesi, Rosa Albano, Maria Júlia Alvarenga e Gertrudes Amaral Sales - Professores da década de 20, em Rio Preto.

O leitor pode observar nesta mensagem de Carlos Alberto, além da suave beleza de suas colocações, inúmeros fatos e dados do completo desconhecimento do médium, desde a recordação dos jovens combatentes de 1932, até a lembrança de nomes de professores de Rio Preto, da época quase do início do século, além da citação de familiares já desencarnados e dos quais o Chico não possuía qualquer conhecimento. Aliás, é justo ponderar que o Chico ignorava os próprios nomes dos irmãos de Carlos Alberto... É a

certeza da sobrevivência do espírito, única explicação lógica para o fato que analisamos: simplesmente, o jovem Carlos Alberto, através da mediunidade de Chico Xavier, voltou e conversou com os pais, comentando a sua vida nova no Plano Espiritual.

Mais uma vez, Carlos Alberto

Dizem os Votuporangenses que sentiram uma pontinha de ciúmes, ao lerem a mensagem de CARLOS ALBERTO ANDRADE SANTORO, endereçada aos pais e publicada em página anterior deste livro. Ocorre que o jovem se referiu a Rio Preto, quanto a suas anteriores ligações com a grande cidade do noroeste paulista, mas pouco se reportou a Votuporanga, onde residiu por muitos anos, até a sua morte.

Certamente captando o "descontentamento" dos amigos de Votuporanga, CARLOS ALBERTO voltou uma semana depois da primeira manifestação e, através do Chico, transmitiu o seguinte recado, que, pela riqueza de revelações, compeliu os mais ardorosos moradores de Votuporanga, qual Romeu Grisi, a buscarem nos arquivos da cidade: os esclarecimentos necessários:

Páginas obtidas por Francisco Candido Xavier a 18 de março de 1977, Uberaba - M.G.

Meu caro Romeu e prezada Irmã Hilda. Jesus nos abençoe.

Peço digam a meus queridos pais e aos companheiros de nossa querida terra de Votuporanga, que não me esqueci daquele pedaço de chão abençoado e florido em que temos tão grande parte do coração.

Esclareço que após 1932, quando partilhei de lutas grandes, renasci de uma família disciplinada e afetuosa, supervisionada pelo entendimento e responsabilidade de militares dignos, mas meu tempo em Votuporanga seria curto, porque os meus compromissos haviam ficado mais fortemente estampados em São José do Rio Preto.

Entretanto, meu caro Romeu, diga, por favor aos nossos companheiros que tamanho é o meu carinho por Votuporanga, que, na segunda-feira última, dia 14, à noite, acompanhei o nosso amigo, Doutor Orlando, à região em que se localizava a Fazenda Marinheiro de Cima, para assistir à festa dos quarenta anos da idéia de formação da Cidade que nos fala tão de perto ao sentimento.

Aí se reuniram os pioneiros que oravam agradecendo a Deus a dádiva da Cidade e progresso dela. Estávamos não longe de Cosmorama e bandeiras tremulavam. Em algumas delas vi os nomes de fundadores, como sejam o irmão Demétrio Acácio de Lima, o irmão Sebastião Braga, o irmão Guilherme Von Trumbach e o irmão Otávio Ritter. Nomes eram muitos, se me engano em alguns, perdoem-me os erros de memória.

A Vila Monteiro foi recordada, o trabalho dos iniciadores relembrado carinhosamente, e dali rumamos para a cidade propriamente considerada, onde visitamos o Albergue Noturno Allan Kardec e o "Bezerra de Menezes".

E, nesse sentido, rogo a você, Hilda e ao nosso Carmelo, encorajarem o Carmelinho nas tarefas de direção. Serviço com Jesus é começar com sinceridade que o resto a fazer aparece, em forma de recursos espontâneos, trazidos por aqueles mesmos que amam a Jesus e a sua obra de fraternidade Universal.

Muita coisa teria a dizer sobre reencarnação e desencarnação, vida e memória, mas precisava deste adendo à nossa mensagem que você, meu caro Romeu, saberá emplacarem termos de explicação e raciocínio certo.

Agora, é dizer "Boa Noite" e agradecer. Um beijo aos meus pais e irmãos, especialmente ao Antonio Carlos, nosso querido Carlinhos.

E vocês meus bons amigos, recebam o abraço muito fraterno do irmão e companheiro reconhecido.

Carlos Alberto

Complemento

Romeu Grisi e a esposa, Hilda Sestini Grisi, são nomes já familiares aos nossos leitores. Estão ligados aos espíritos co-autores neste livro, por laços de afinidade, pois Carlos Alberto, Lidaí Benini, Domingos Pignatari e o Professor Cícero residiam em Votuporanga e participavam do grupo espírita dirigido por Romeu Grisi.

Encontramos esclarecimentos às citações de Carlos Alberto na Revista Comemorativa do Jubileu de Prata de Votuporanga (8/8/37 a 8/8/62):

A Fazenda Marinheiro de Cima foi criada pelo "rei do café" de Ribeirão Preto, Francisco Schmidt, que, em 1936, a vendeu à firma Theodor Wille, da capital paulista.

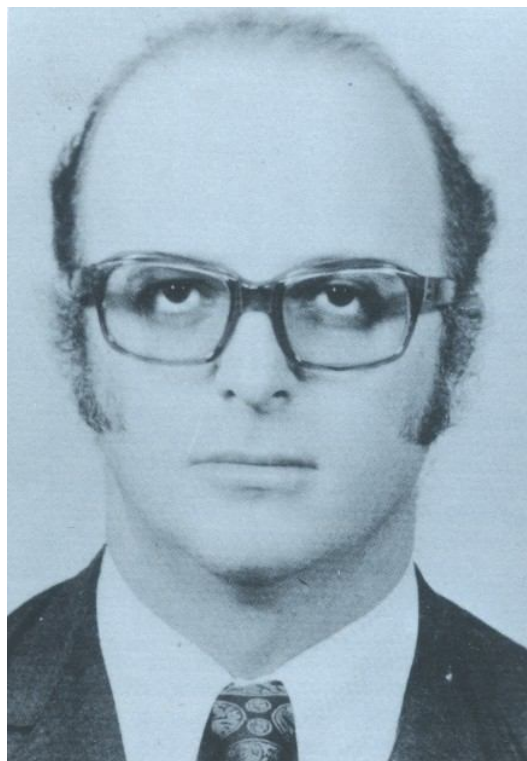
Esta, através de seu representante Guilherme Von Trumbac, resolveu retalhar as terras em lotes, contratando para tanto os serviços do Engenheiro Otávio Ritter. Estavam lançados os alicerces de Votuporanga.

No dia 8 de agosto de 1937, com a presença das personalidades lembradas, além de autoridades e mais um grupo de compradores de lotes, foi oficialmente fundada a cidade de Votuporanga, com a celebração de missa campal, pelo P. Izidoro Cordeiro Paranhos. Os nomes de Demétrio Acácio Lima e Sebastião Braga, constantes do comunicado, além dos já acima referidos, são de fundadores da cidade.

Na mensagem existe ainda a lembrança de duas instituições espíritas de Votuporanga: o Albergue Noturno Allan Kardec e o Bezerra de Menezes, nome do Departamento Assistencial da Sociedade Beneficente Irmã Elvira.

Vila Monteiro é o antigo nome do Município de Álvares Florence, distante 14 km de Votuporanga.

Carmelo Grisi e Carmelinho ou Carmelo Grisi Júnior, são o genitor e o irmão de Romeu Grisi.



LIDAI BENINI

Na véspera de sua desencarnação, Lidaí Benini estivera na sede da AABB - Associação Atlética do Banco do Brasil, com seus 5 filhos, os dois Beninis, Murilo e Leandro, e os sobrinhos Marcelo, Marco Túlio e André Luiz, que amava por filhos, desde o falecimento dos pais, o Dr. Romeu Gonçalves Ferreira, irmão gêmeo da esposa do Lidaí, e D. Zilda Aparecida de Souza Ferreira, ocorrido 4 anos antes.

Nessa noite de quinta-feira, organizava animado, na A.A.B.B., a festa junina dos funcionários do Banco do Brasil de Votuporanga. Conceituado no Banco, amigo paternal dos colegas de trabalho, Lidai, casado com Clarice do Carmo Ferreira Benini, era também advogado e economista.

Espírita praticante, companheiro de Romeu Grisi no Centro Espírita Emmanuel, querido de toda Votuporanga, Lidai Benini sabia que pelos graves problemas cardíacos que apresentava, a qualquer hora seria chamado pela Providência Divina.

E inesperadamente o foi no dia seguinte. Exatamente às 23 horas da quinta-feira, 27 de junho de 1974.

Grande espírito, deixou gigantesca obra, plantada no coração dos familiares, amigos, colegas de trabalho e companheiros de Votuporanga - sua extrema bondade que o fez querido de todos.

O equilíbrio que lhe caracterizava a personalidade patenteia-se na mensagem que o leitor conhecerá a seguir e da qual destacamos sua carinhosa observação aos filhos queridos: "Recordei que atravessávamos a véspera de sábado, com muito desejo de fazer um programinha com as crianças".

Perguntamos a D. Clarice se era hábito do marido "fazer programinhas" com as crianças e sua esposa falou-nos comovida de seu amor e carinho tão grande para com os filhos do sangue e do coração, elaborando realmente, sempre que possível, esquemas de lazer junto deles. Consideramos curiosa a palavra simples do pai carinhoso, narrando a impossibilidade de estar com os filhos. Certamente essa nota da mensagem psicográfica dá idéia da grandeza e da simplicidade de alma do Lidai.

Nascido em Olímpia - SP, a 17 de abril de 1936, LIDAI BENINI faleceu em Votuporanga, aos 38 de idade, no dia 27 de junho de 1974.

Mensagem de Lidai recebida em 19 de outubro de 1974, a 4 meses após seu falecimento, por Francisco Candido Xavier, Uberaba - M.G.

Querida Clarice,

Peço a Jesus nos fortaleça.

Estou ainda convalescente. Quase criança que não sabe se cresceu depressa ou quase na condição de um homem que se vê repentinamente criança.

Ainda preciso de tudo. De tudo que se relacione com socorro e assistência. Por esta razão, rogo a você continue me auxiliando. A atitude dos que ficam, dita, por muito tempo, a situação dos que partem da Terra.

Refiro-me aos companheiros de meu tempo de ação, especialmente aos pais de família. Deixar esposa e filhos no mundo físico é uma desencarnação pela metade. Assim creio, pois estou "entre" estar aqui ou permanecer no além, se posso definir o assunto assim, na base do pensamento.

As idéias querem tomar rumo alto, à maneira de pássaros de subida grande, mas voltam-se inesperadamente para baixo, na doce prisão do amor que não foi liberado de compromissos. Perdoe-me, querida, se este é o meu modo de dizer; agora, entretanto, sei que você me compreende.

E compreensão é paz, nos que entendem e nos que são entendidos. De qualquer modo, prossiga valorosa na paciência e na conformação.

Não estamos sozinhos. A prova disso é a presença de tantos amigos ao nosso lado: Romeu e família, nosso Carmelo, nossas amigas e irmãs Benedita e Maria Sestini (1). E de meu lado, outros benfeitores comparecem: nossa

irmã Elvira, meu avô Benini, nosso mano Romeu e muitos outros (2).

Estejamos fortes na fé. Nunca esperei vir para cá de maneira quase fulminativa. Digo isto, embora o processo das coronárias estivesse presente, quase como um laço desatado que não desistisse de tomar a posição de nó cego. Mas resistia. Afastava a idéia da morte, como se recusa um veneno. Não que tivesse medo. Você e os filhos queridos e tantos outros familiares queridos me seguravam.

Veio, porém, o instante infalível, inarredável. Creia que fiz força. Procurei avidamente o remédio salvador, preocupei-me, no entanto, as energias esmoreceram. Dormi, compulsoriamente, como se houvesse desacordado com certa martelada por dentro do peito.

Não tenho outra imagem para figurar as minhas recordações, que reconheço confusas. O sono foi pesado, com pesadelos, de vez que desejava retornar ao corpo, sem conseguir. No íntimo, tinha receio de saber a realidade, até que, em dado momento, me vi fora do leito ou do refúgio que me parecia um recanto de paz em que descansava.

Amedrontado, dei-me pressa em sair.

Era noite. Recordei que atravessávamos a véspera de sábado, com muito desejo de fazer um programinha com as crianças. Chamei por você e pelos nossos e como ninguém me respondesse, procurei a rua porque o peito doía muito. Dirigi-me à Santa Casa, queria auxílio, e não encontrando o alívio necessário, voltei à via pública; no entanto, quando me encaminhei para outros postos socorristas, ao ladear o antigo lugar da Casa de Saúde do Dr. Barbieri (3), encontrei a irmã Elvira e outra Benfeitora, que depois vim a saber que é a irmã Carolina, que me recebeu por avó, lembrando minha

mãe. Era natural que eu estremecesse. Mas a Doutrina da Imortalidade estava comigo e compreendi tudo. Mesmo assim, a dor de perder-lhes a companhia me fez cambalear. Outros amigos nos abordaram e fui recolhido. Tenho encontrado o tratamento que só poderia obter em nossa própria casa.

Tranqüilize-se e me ajude com a sua paz. Com você calma e resignada, trabalhando por ajustar e reajustar nossas coisas, tudo vai retomando o eixo normal da vida. Você não fique triste, se não puder ficar com os nossos meninos - os do Romeu. Temos os nossos queridos Murilo e Leandro e, além disso, você não pode esquecer que o lar maior das crianças da irmã Elvira é também nossa casa. Não alimente discórdia com o pessoal. Todos os nossos estão pensando com equilíbrio e desejo ver você em paz com todos, de modo que as crianças não sofram. Afinal, nós estamos na posição de servidores e Jesus sabe, melhor do que nós, o que deve acontecer para benefício geral (4).

Desculpe-me, querida, se não tenho mais forças para continuar. Ainda estou enfraquecido e fatigado. Lembrar detalhes dos meses de junho e julho que passaram, me faz abatido.

Desejava apenas dizer a você, para que tenha coragem. Se você prosseguir forte, com tempo mais curto estarei mais constantemente ao seu lado. Seus encargos serão os meus, tanto quanto você sempre me abraçou as necessidades e esperanças, planos e obrigações. Rogo a nossos familiares queridos, me abençoem com a luz da oração e beijo aos filhinhos, todos eles. Minha gratidão aos companheiros presentes e você receba do companheiro reconhecido, o coração sempre seu, com aquelas mesmas flores de sempre,

orvalhadas com as minhas lágrimas de esperança e guardadas entre nós dois, com aquele mesmo perfume de gratidão.

Sempre seu e sempre com você.

Lidai

A Missiva de Lidai Benini

1 - Amigos de Votuporanga presentes em Uberaba, quando do recebimento das notícias de Lidai. Romeu, D. Hilda, Carmelo e,

Maria Sestini, já são nossos conhecidos. Benedita Caniza é companheira de atividades do Grupo em Votuporanga.

2 - Elvira Grisi, já identificada; o avô Benini, Jácomo Benini, avô paterno, desencarnado há 35 anos; Romeu Gonçalves Ferreira, cunhado e a quem já nos reportamos.

3 - Casa de Saúde do Dr. Barbieri, não existe mais em Votuporanga, desde 1965. Curiosa observação de Lidai de que no local correspondente à antiga Casa de Saúde encontrou o socorro que procurava, através dos abnegados espíritos de D. Elvira Grisi e de Irmã Carolina, esta não identificada, mas curiosamente ligada por Lidai ao nome de sua mãe, também Carolina. Lembremos que o Chico não sabia o nome da genitora de Lidai... e nunca soube também da existência da Casa de Saúde do Dr. Barbieri.

Pelo inusitado da revelação, publicamos a seguir foto da antiga Casa de Saúde do Dr. Barbieri.



4 - Lidaí refere-se aos problemas que a esposa vinha enfrentando com os outros familiares, com referência à tutela dos filhos do Dr. Romeu. Conta-nos, a propósito, o amigo Romeu Grisi, que Lidaí prometera ao cunhado, amparar-lhe os filhos na hipótese de não ser o primeiro a desencarnar, ponto esse que permaneceu pacífico para a alegria de todos.

Eis a palavra do Lidaí; página simples, de beleza suave e serena; aliás, a dimensão verdadeira de seu espírito missionário.



CÍCERO BARBOSA LIMA JÚNIOR

Casado com D. Chamena Caixe Barbosa Lima, pai de dois filhos, Cícero Barbosa Lima Neto e Carlos Ricardo Barbosa Lima, emérito educador, fundador de várias casas de ensino espalhadas pelo interior paulista, o saudoso professor CÍCERO BARBOSA LIMA JÚNIOR nasceu em Ituverava-SP, no dia 3 de janeiro de 1917, e faleceu a 25 de novembro de 1975, na capital paulista, onde se encontrava para tratamento médico.

Dedicado ao ensino, era também ligado aos planos progressistas do Lions Clube de que chegou a ser governador da região L-17, que engloba municípios do noroeste paulista, quais São José do Rio Preto, Franca, Votuporanga e Barretos.

Espírita, participou, sobretudo em Votuporanga, cidade onde residia à época de seu falecimento, de inúmeras atividades beneficentes, salientando-se pelo dinamismo e pela invulgar simplicidade, talvez a mais marcante das virtudes que esquadrimos em sua vigorosa individualidade.

Viu Chico Xavier apenas uma vez, e de modo fugaz, de forma que a mensagem nos impressionou por revelações inusitadas.

Da comunicação que o leitor verá nas páginas seguintes, destacamos particularmente a referência que o Prof. Cícero fez ao Padre Euclides Gomes Carneiro, emérito sacerdote, educador e filantropo, que ele e a esposa conheceram na juventude. Diz mesmo D. Chamena que o romance entre ela e o marido iniciou-se na presença do Padre Euclides, durante quermesse organizada pelo nobre sacerdote em Ribeirão Preto.

Também a referência à Madre Clélia é digna de apreço, pois que a genitora e a irmã do Prof. Cícero, residentes em Araçatuba, são muito católicas e devotas da Congregação das Irmãs Missionárias Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus, ordem justamente fundada pela Madre Clélia Merlone, veneranda missionária falecida em Roma, no ano de 1930.

Observamos na mensagem que o Prof. Cícero recebeu no Plano Espiritual, quando de sua “morte” o socorro de duas figuras respeitáveis, ligadas à Igreja Católica: o P. Euclides, de suas reminiscências da mocidade, vivida em Ribeirão Preto e Madre Clélia, que o assistiu na passagem para a “outra vida”, decerto em função dos apelos da família.

Podemos assim, assinalar que tanto nesta vida quanto na outra valem – acima dos critérios pessoais de concepção

religiosa – os laços do sentimento e da solidariedade humana. Os nossos amigos católicos talvez estranhem a presença de um Padre e de ilustre Madre já falecidos, nessa missiva do Além, obtida por médium espírita. Acontece que no Plano Espiritual, à semelhança do que ocorre no Plano Físico, há a mesma liberdade de religião, com templos de múltiplas crenças, edificadas nas cidades espirituais, pois a morte não muda nossas concepções mais íntimas.

Sugerimos, a propósito, o conhecimento dos livros de André Luiz, psicografados por Chico Xavier, porquanto ao contato deles o leitor encontrará a descrição precisa de muitas experiências no Além, com relatos edificantes e significativos.

Enderecemos nossa atenção à palavra do Prof. Cícero Barbosa Lima Júnior, recebida em Uberaba, por Francisco Cândido Xavier, na noite de 30 de janeiro de 1976.

Psicografia de Francisco Cândido Xavier na noite de 30 de janeiro de 1976, Uberaba - MG.

Minha querida:

Deus nos proteja e abençoe.

Tomo do lápis, com a insegurança do aprendiz que se vê guiado para escrever. Estou emocionado, mas feliz. Ouvi seus rogos, suas preces. Não sei explicar o que sinto. Ambiente novo, existência inesperada, dificuldades de adaptação, surpresas de reajuste...Que mais?

Essa ânsia de pedir a você para viver e ficar tranqüila. Essa inquietação por falar ao seu carinho que tudo está bem.

Chamena, você não pode imaginar com que lágrimas de alegria encontramos esta possibilidade de comunicar ternura e saudade a quem mora conosco por dentro da própria alma, no nicho de nossas mais queridas lembranças.

Sou eu sim que volto, e volto para repetir quanto amo a você e aos nossos filhos. Querida, o sono, se o descanso inicial do corpo foi sono, passou rápido. Ali mesmo, no Servidor, pensava no nada, no fim de tudo, com as pálpebras cerradas, na última ocorrência da respiração...

Entretanto, justamente ali, quando o transe era mais fulminativo e mais rápido, vi meu pai e o nosso amigo, Padre Euclides.

A infância, a mocidade, o lar e as orações do lar, represavam com força no meu mundo de memórias e, à feição da criança que se vê agasalhada na proteção paterna, repousei daquela tremenda luta orgânica que nós dois conhecemos. E a vida, meu amor do coração e da alma, renasceu em mim, lembrando calor de sol quando amanhece... Você e os meninos estavam comigo, minha mãe igualmente repontava de minhas recordações, como se estivesse, de minha parte, naquela hora, reunindo as peças de meu tesouro.

Dizer ao seu carinho o que será rever aqui as afeições queridas, é impossível. Hospitalizado para continuação de tratamento em novas bases, à medida que me refazia, novos amigos me vinham ver e até mesmo a amiga e irmã vovó Caixe (1), que não cheguei a conhecer, me abraçou em seu nome, fazendo-me sentir quanto lhe doía a nossa separação.

Mas, melhorando, senti que a visão e a audição se retomavam em nível diferente e passei a ver e a escutar você, no espelho íntimo de minhas preocupações.

Agradeço a você - por tudo - por suas orações, por suas lágrimas, por suas saudades que são minhas, mas peço-lhe que viva e que esteja confiante em nossa felicidade. Tenho tido vontade de acariciar-lhe a cabeça fatigada, quando você alinha pensamentos e palavras, lembrando e lembrando os dias que se foram... Querida, não guarde qualquer idéia de culpa entre nós dois. Porque você procurasse algum entretenimento para mim, enquanto me competia ficar no contato de meus problemas físicos, isso não é motivo, mas não é motivo algum, para que você pense em sombras e nuvens sobre a nossa felicidade. Você fez tudo para que eu fosse feliz e agora prometo que sairei de minha atual insipiência para construir a felicidade em que nos reuniremos um dia na Vida Espiritual. Entretanto, peço para que relegue essa idéia de reencontro para o futuro distante. Lembre-se: Cícero Neto e o nosso Ricardo precisam de você. Outros familiares nossos esperam por nós e precisamos armar a nossa fortaleza de fé sobre a saudade e iluminar o nosso caminho com novas esperanças.

Rogo a você alegria e confiança em Deus, na certeza de que a nossa união é indestrutível. Olhe o céu à noite e veja as estrelas. Por vezes, sombras passam por um ponto determinado... Passam e não ficam. Assim são nossos sonhos e projetos de ligação para sempre. Nosso amor, querida, é luz de Deus em nós e a luz de Deus é inapagável. Trabalhe na seara do bem, que não tive ocasião de compreender, como sinto agora a necessidade de esquecer-nos pelo bem dos outros.

A beneficência é o caminho para os grandes caminhos que nos aguardam. Os que sofrem mais que nós são nossas pontes de intercâmbio com a Bondade Divina.

Você sempre entendeu tudo isso. Quanto a mim, reconheço que preciso seguir-lhe os passos.

Meu pai está comigo e vem auxiliando a mãezinha que tem estado sob benefício das orações da Madre Clélia (2), de Araçatuba.

Querida, estou diante de um novo mundo. Sessenta e alguns dias representam tempo estreito para falar com segurança desejável.

Devo terminar esta carta que me empenho a fundamentar em dois pontos essenciais: pedir a você serenidade e alegria, confiança em Deus e despreocupação de quaisquer pequeninos contratempos do passado e rogar sua dedicação de mãe para o nosso Ricardo, atitude essa claramente dispensável em qualquer recomendação do seu velho, porque você não pode ser mais abnegada em nosso favor. Acontece, porém, que o nosso Ricardo está muito jovem e o diálogo de apaziguamento íntimo será sempre útil a ele, situado num tempo de tantas incompreensões em torno da juventude.

Abrace os filhos por mim. Sou grato aos amigos Grisi e Sestini (3), tanto quanto às outras afeições que nos fazem companhia.

Hoje tenho a idéia de estar entendendo o valor da oração e peço a Deus a todos recompense.

Nosso Lidai (4) abraça a esposa, o que não posso omitir, ante a solicitação do amigo e companheiro.

Para você, minha querida, toda a minha confiança e todo o meu carinho inalterável e incessante. Rogando a sua tranqüilidade em nossas conversações de pensamento a pensamento, quando você se coloca à frente do meu próprio retrato ou quando configura a minha imagem, pobre imagem

no seu campo íntimo, espero que você esteja muito forte e muito tranqüila.

Com todo o amor, iluminado agora pelas bênçãos que pedimos a Deus pela sustentação de nossa felicidade, beijo suas mãos queridas e entrego-lhe o próprio coração.

O esposo e companheiro sempre e cada vez mais reconhecido, sempre mais seu, Cícero.

Comentários

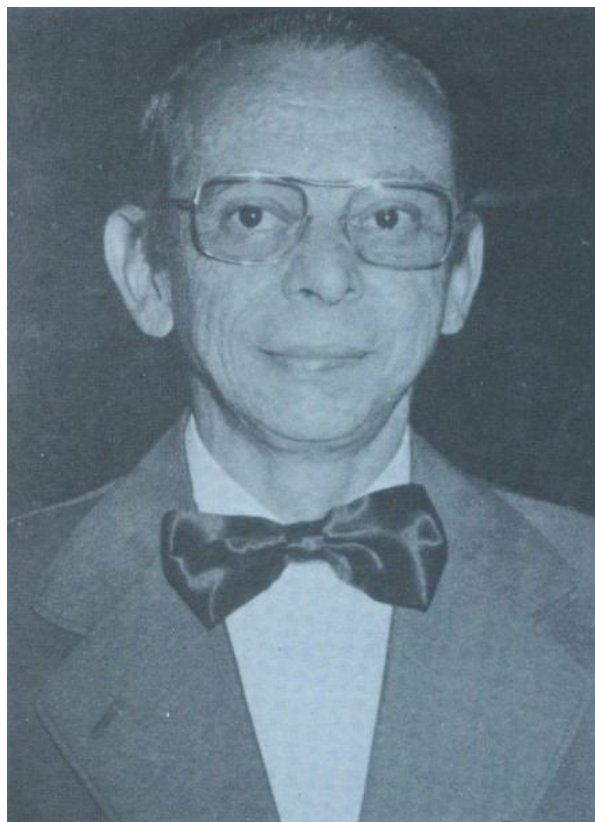
Além dos comentários que fizemos anteriormente, a respeito da interessante referência do Prof. Cícero aos nomes do Padre Euclides e de Madre Clélia Merloni, colocamos ainda em pauta os seguintes esclarecimentos:

1) Vovó Caixe - Maria Caixe, avó de sua esposa, D. Chamena, falecida em 1928.

2) Clélia - identificamos em página precedente

3) Romeu Grisi e Gérson Sestini, nossos conhecidos

4) Lidai Benini - também autor espiritual neste livro



DOMINGOS PIGNATARI

A mensagem de DOMINGOS PIGNATARI, que o leitor encontra nas páginas seguintes, representa um cântico de suave beleza. É a exteriorização da grandeza de espírito de um homem que lutou heroicamente na Terra, galgando posições, mercê da sua índole criativa de lidador do progresso comunitário. Entretanto, nos derradeiros tempos de permanência na Terra, Domingos Pignatari, passando pelo abençoado cadinho da dor, encontrou-se consigo mesmo e com Jesus, através das belas páginas de renúncia e sofrimento que lhe engrandeceram a vida.

Vitimado por moléstia consumptiva, consciente da luta orgânica que sustentava, o companheiro não se dobrou.

Trabalhou e serviu sempre.

De fato, Dominginho, como era conhecido na intimidade - e a pena mediúnica de Chico Xavier nos surpreende com tal detalhe - tão logo compreendeu que já não lhe restava muito tempo de permanência no mundo, passou a cultivar com sofreguidão os valores do espírito, concomitantemente com as suas atividades respeitáveis no campo profissional.

De tal forma identificou-se Dominginho com a causa do amor ao próximo que ao desencarnar pôde reconhecer com naturalidade que as suas tarefas no campo físico haviam cessado e com elas se lhe cessara igualmente a dor física, difícil de suportar.

Natural de Taquaritinga - SP, Domingos Pignatari, nasceu no dia 11 de novembro de 1927 e faleceu na capital paulista, no Hospital A.C.Camargo, na tarde de 14 de fevereiro de 1979.

Em sua mensagem, psicografada por Chico Xavier, 6 meses após seu falecimento, conta-nos com singular beleza as sensações que seu espírito experimentou a partir dos últimos momentos de vida na Terra. É realmente comovedora a descrição que faz ao sentir no Hospital A.C.Camargo de São Paulo, que sua hora havia chegado: “Percebia no Camargo que minhas forças esmoreciam”.

Acostumados que estamos à análise das mensagens através de Chico Xavier, por força do nosso ideal e de nossa participação em alguns dos livros do médium, somos obrigados a reconhecer que as palavras do Domingos Pignatari nos emocionaram muito pela simplicidade, justeza e lirismo com que conversa com a esposa querida. A precisão nas narrativas em torno dos momentos últimos na

Terra e das horas primeiras no Plano Espiritual, quando vê o próprio corpo velado no Centro do Professorado Paulista de Votuporanga, ou quando descreve cenas de sua meninice que lhe afloram à mente, são dignos de destaque, pela sensibilidade acurada do Espírito de Dominginho e pela exatidão da filtragem mediúnica. Chico Xavier não conhece Taquaritinga dos dias de hoje, e não a conheceu à época da infância de Domingos Pignatari. Como explicar, senão pela autenticidade da comunicação dos “mortos” com os “vivos”, estas palavras recolhidas à mensagem:

“Taquaritinga e arredores, a meninice, os afagos de minha mãe Júlia e o trabalho árduo de meu pai Francisco a fim de manter-nos... as ruas ensolaradas, o Colégio Nossa Senhora da Consolação, as paisagens que desapareciam para dar expansão às exigências da cidade moça que crescia e crescia...”.

Pois bem, os pais de Dominginho se chamavam realmente Júlia e Francisco e Chico Xavier não o sabia. O Colégio Nossa Senhora da Consolação - onde Domingos Pignatari fez o Curso Primário - há 7 anos não mais existe. Há, em seu lugar, a Escola Comercial Dr. Aimoré Salerno.



Colégio Nossa Senhora da Consolação de Taquaritinga, onde Domingos Pignatari fez o Curso Primário

A mensagem, no entanto, dirá mais ao leitor e depois dela voltaremos aos comentários.

Domingos Pignatari era casado com a Sra. Elza Scutari Pignatari e deixou os seguintes filhos: Mirtes, Domingos Pignatari Júnior, Mirley e Elza Mara.

Texto psicografado por Francisco Cândido Xavier, no Grupo Espírita da Prece (Uberaba - M.G.), a 18 de agosto de 1979.

Querida Elza:

Deus nos abençoe neste grande momento.

Grande momento em que solicitei tanto de nossos instrutores a oportunidade de usar o chamado telefone da psicografia.

Estou emocionado; pela primeira vez, sinto que as letras humanas são ondas de movimento condicionado que nos

expressam os pensamentos. Tudo é simples e complexo, sem que me seja possível a definição do plano emotivo em que estou penetrando, com o objetivo de transmitir a você e aos nossos as minhas notícias.

Vejo mãos que me auxiliam. Quero controlar os impulsos de formação da escrita, no entanto, parece-me que sou amparado a fim de ganhar tempo, expressando o máximo de meus sentimentos no mínimo de minutos.

Devo aproveitar o ensejo e prosseguir.

Querida esposa, não fossem as saudades que constituem problemas na esfera nova de vivência em que me vejo, tudo estaria bem. Sinto, porém, a falta de sua presença e da presença dos filhos, dos familiares e dos amigos e isso me impede assimilar como desejaria, toda a renovação de que me reconheço objeto. Ainda assim, creio que me reintegro na Vida Espiritual sem dificuldades maiores. A fé iluminada de lógica, representa valiosa cobertura, agora, em meu favor.

Percebia no Camargo que as minhas forças esmoreciam. Passei o domingo dia 11 de fevereiro, pensando e repensando, conferindo por dentro de mim mesmo a gravidade de minha situação... mas não registrava qualquer sinal que se reportasse a desencarnação. Orava no silêncio, sem palavras e sem quaisquer manifestações exteriores, qual se me visse obrigado a satisfazer invencível compulsão...A verdade é que no dia seguinte, veio o sono de que mantinha prévio conhecimento, através de comunicações de companheiros desencarnados...Um sono pesado em que as lembranças do passado me renasciam na memória.

Taquaritinga e arredores, a meninice, os afagos de minha mãe Júlia e o trabalho árduo de meu pai Francisco (1) a fim de manter-nos...As ruas ensolaradas, o Colégio Nossa

Senhora da Consolação, as paisagens que desapareciam para dar expansão às exigências da cidade moça que crescia e crescia...Depois, Votuporanga e a luta abençoada e correta para firmar-nos. Tudo o que se referia aos dias de paz e dificuldade, os acontecimentos pequeninos e as grandes ocorrências que se desenrolavam em meu pensamento, como num sonho que, por fim, assumiu a forma de pesadelo, porquanto queria agitadoamente retomar o corpo, sem conseguir...Vozes amigas me recomendavam paciência e descanso... Procurei obedecer e dormi de verdade, porque as imagens evocadas se esvaíram na neblina em que se me afundava o entendimento e, quando acordei, me vi entre os amigos e os familiares da nossa cidade, no Centro do Professorado Paulista. Vi meu corpo com segurança e fiz força para não me espantar, criando problemas.

O que se passou comigo nos domínios da emoção, não sei descrever. Tive a idéia de que era transportado pela força de meu próprio pensamento de um lugar para outro...

Onde se pronunciava o meu nome com mais calor de opinião, aí me encontrava, como que obrigado por energias desconhecidas e escutar o que se falava a respeito do pobre servidor da comunidade que eu desejava ser, na altura em que os amigos me colocavam.

Querida esposa, tudo foi como se devesse revisar minhas tarefas num relâmpago. Aqui me dirijo especialmente ao prezado Romeu para dizer que me reconheci tão pequeno ante a grandeza daqueles companheiros de ideal e de luta! Falo ao Romeu, porque vejo na presença dele e do Alceu (2), a retaguarda de tanta gente boa que me retinha nas vizinhanças do corpo que me propunha a deixar.

Chorei quando o Nucci (3), o nosso estimado Prefeito, se referiu ao meu nome qual se lhe fosse um irmão e sensibilizei-me profundamente, quando o nosso amigo Paschoalotti (4) solicitou homenagens que eu não merecia.

Os amigos do Rotary, da Santa Casa, do Clube (5), de tantas instituições outras me comoviam todas as fibras do espírito e me sentia, entre a oração e o assombro, à maneira da criança que desconhece o que lhe caiba fazer nos primeiros instantes de escola... Por fim, entreguei-me à prece regada de lágrimas, porque me lembravam com tanto respeito e tanto amor e eu me via ali, à feição do homem despojado de tudo, ignorando o ponto da vida em que as minhas experiências precisavam recomeçar...

Queria permanecer ao lado da Esposa e dos filhos queridos, dos pais abençoados e dos irmãos, no entanto, o receio de assumir qualquer atitude inconveniente, perante a forma inanimada, me impeliu a procurar o Centro ou a Creche (6) para repousar... Foi então que a emoção se me agigantou no peito, como se o espanto feliz me induzisse a pensar numa segunda desencarnação.

Na casa da Irmã Elvira, junto às crianças, vi um grupo de amigos que me abraçavam... Eram eles o Hilário, o Lidai, o padre Vicente Ruffo, com alguns irmãos de Taquaritinga, o irmão Bragheti, o irmão Davoglio, o irmão Constantini, companheiros de meu pai que não nos haviam esquecido... Amigos outros às dezenas e a própria Irmã Elvira Grisi se prontificaram a orar comigo e foi na música dessa prece comovente que me esqueci do corpo e repousei.

Desde então, do ponto de vista da compreensão espiritual, tudo vai bem.

Compreendo que um homem de vários instrumentos, qual fui, não poderia ter deixado a vida física sem problemas e procurei acalmar-me.

Querida Elza, você, a nossa Mirtes, o Júnior, a Mirley, a Elza Mara e toda a nossa gente de casa estão cada vez mais vivos em meu coração.

Tive o reconforto de acompanhar meus pais que vieram depois de mim mesmo.

A família por aqui está se ampliando. O meu pai Francisco, a mama Júlia, o Antônio, a Catharina (7), e eu, ao lado de alguns outros, vamos aumentando o núcleo familiar.

Desejo a todos os que ficaram felicidade e vida longa, no entanto, a verdade é que todos passaremos pelo mesmo portão libertador.

Noto entre os nossos nesta reunião o sofrimento dos amigos Aranádio e Terezinha (8), relembrando a separação da Sídia. Quero dizer-lhes, de minha parte, que a filhinha vai seguindo bem. Hospitais daí da Terra se continuam em hospitais mais aperfeiçoados daqui, e tratamentos não terminam assim depressa, quanto se imagina por aí, para que os egressos destes sítios, em que presentemente me encontro, se vejam plenamente recuperados. Felizmente, encontramos muito amor com a ciência que nos acolhe, e, nossos amigos, estejam convencidos de que a jovem filhinha se encontra na melhor condição possível para quem retornou à Vida Maior com tanta juventude e tanta vitalidade.

Querida Elza, peço a você paciência e coragem. A maior riqueza é aquela que se acumula no bem praticado. Diga aos nossos entes queridos que continuo com as minhas idéias, fundamentadas no “servir para melhorar” e que o trabalho no

bem encerra em si o maior investimento que se pode efetuar em nosso próprio benefício.

Desejava escrever muito, no entanto, é preciso terminar.

Deus abençoe aos filhos queridos e aos netos que vão formando novas esperanças à frente do futuro. Ao genro, à Maria do Carmo, aos irmãos e especialmente à nossa Maria do Rosário (9), transmito a notícias dos pais queridos que abençoam a todos e que, unidos no mundo, que foram sempre, aqui prosseguem juntos no mesmo esforço de total restauração.

O mundo das notícias se amplia e não posso continuar.

A todos os corações amigos, na família das paredes domésticas e na família da vida comunitária, os meus agradecimentos.

É impossível resumir numa carta o que sinto no intercâmbio a que me entrego. Seria o mesmo que desejar trazer um rio para dentro de um dedal.

O que pude transmitir, porém, me alegra e reconforta.

Querida companheira de meu coração e de minha vida receba com os amigos presentes e ausentes, com todos os nossos afetos e jóias do lar, o carinho e a gratidão imensa do esposo reconhecido que se sente feliz em assinar esta carta, do sempre seu Dominginho.

Domingos Pignatari

Mensagem de Domingos Pignatari recebida 6 meses após sua desencarnação

Além dos apontamentos anteriores, são os seguintes os dados elucidativos da mensagem:

1) Júlia e Francisco - pais de Domingos, falecidos no dia 4 de junho de 1979, 4 meses após a morte do filho. Curioso destacar, que D.Júlia e o Sr. Francisco faleceram de morte natural, no mesmo dia, com diferença de 12 horas; ambos já se encontravam enfermos há algum tempo.

2) Romeu Grisi e Alceu Sestini, amigos de Votuporanga.

3) Nucci - Dr. João Antônio Nucci, Prefeito de Votuporanga à época do falecimento de Domingos e seu amigo de infância.

4) Paschoalotti - Egydio Luiz Paschoalotti, então Presidente da Associação Comercial e Industrial de Votuporanga. É importante observar que realmente as duas personalidades citadas se pronunciaram no necrológio de Domingos, tal qual ele próprio menciona.

5) Rotary, Santa Casa e Clube - Rotary Clube local de que era membro, Santa Casa de Misericórdia de que era Vice-Provedor, e o Votuporanga Clube.

6) Centro e Creche - Centro Espírita Emmanuel e a Creche da Sociedade Beneficente Irmã Elvira, são instituições de Votuporanga, dirigidas por Romeu Grisi e às quais Domingos se achava ligado nos últimos tempos.

7) O pai Francisco, a mãe Júlia, o Antônio, a Catharina - Observar a mãe Júlia, pois, segundo seus familiares, assim, por vezes, Dominginho chamava a genitora. Antônio Pignatari, tio-paterno, faleceu em dezembro de 1971 e Catharina Pignatari, tia-paterna, desencarnou em abril de 1977.

8) Aranádio Rosa da Silva e Terezinha – amigos de Votuporanga, presentes à reunião de Uberaba; a filha, Sídia Rosa Mara da Silva, falecera aos 19 anos, em maio de 1979.

9) Ao genro, à Maria do Carmos, aos irmãos e especialmente à nossa Maria do Rosário – Estavam os familiares de Domingos presentes à reunião. O genro é Otávio Micelli Júnior; Maria do Carmos Silveira Pignatari é nora, casada com o filho, Domingos Pignatari Jr., Maria do Rosário Pignatari dos Santos é irmã do Dominginho.

O leitor observou certamente que nesses dados elucidativos omitimos, e propositadamente, alguns nomes. Trata-se do padre Vicente Ruffo e de “alguns amigos de Taquaritinga, o irmão Bragheti, o irmão Davoglio, o irmão Constantini”...

Julgamos muito oportuno destacar essas revelações de Domingos, aliás, como sempre, do inteiro desconhecimento do médium. O Padre Vicente Ruffo foi conhecido de seu pai, tanto quanto os outros amigos citados, e esteve em Taquaritinga apenas por 7 anos, de 1898 a 1905; nunca mais dele se ouviu falar.

Paulo Bragheti, faleceu em 1977, Evaristo Davoglio em 1973 e Paulo Constantini em 1969, todos em Taquaritinga. Não eram espíritas e não conheceram Chico Xavier.

Os fatos descritos falam por si.



PRÉDIO PAGLIARULLI: - da Praça nove de Julho: Antiga casa de moradia do Padre Ruffo, na fotografia ao lado do irmão Dr. Michele Ruffo, médico.



CARMELO GRISI

Viúvo de D.Elvira Abrigatto Grisi, falecida em 1954, pai de 4 filhos: Reodovaldo, Romeu, Rubens e Carmelo Júnior, Carmelo Grisi nasceu no fim do século passado, mais precisamente a 23 de novembro de 1893, na Itália, e faleceu em São José do Rio Preto - SP, a 28 de março de 1980, aos 86 anos de idade.

Chegando ao Brasil, ainda muito jovem, fixou residência em São José do Rio Preto, onde viveu por 7 décadas, desenvolvendo intensa atividade empresarial e participando do movimento espírita dessa cidade e de Votuporanga, dividindo-se, sobretudo, nas atividades beneficentes, entre as duas comunidades vizinhas.

De Votuporanga, o marco maior de sua atenção na área filantrópica é justamente a Creche que leva o nome de sua

esposa, a Creche Irmã Elvira, por ele fundada, juntamente com seu filho Romeu Grisi.

Mais de 8 décadas de existência laboriosa, e sua transição lenta para a Vida Maior, sua inabalável convicção espírita, a vida dedicada ao semelhante, através de um sem-número de atuações no campo social, justificam a fácil comunicação e as citações numerosas da mensagem.

Efetivamente, o texto de Carmelo Grisi é um diálogo fácil, sem barreiras, definindo a palavra do companheiro amadurecido nas duras lides, naturalmente facilitada pela firme transmissão mediúnica de Chico Xavier.

A palavra de Carmelo Grisi, obtida por Francisco Cândido Xavier em Uberaba-MG, na noite de 18 de outubro de 1980.

Romeu, querido filho, querida Hilda, querida Cida, bons amigos meus (1).

É difícil dizer com que alegria regresso ao recinto que sempre foi tão nosso para dizer-lhes que estou bem.

Ainda não recobrei todas as minhas forças. É natural que a nossa Elvira (2) e outros companheiros me apóiem. Lembro-me de que o esquecimento me envolveu devagar... Vivi os meus dias últimos com vocês num clima de sonho. Às vezes me espantava de reconhecer que falava para a nossa Cida os assuntos que não estavam em meus propósitos. O corpo me parecia em muitas ocasiões um violino quase já sem cordas. O arco de minha vontade tangia

inutilmente o instrumento da memória que não respondia aos desejos...

Sei que não preciso alongar-me em notícias do corpo que puderam registrar muito mais do que eu mesmo. Quero, porém, agradecer a vocês todos pelo carinho e pela paciência com que me presentearam. Não sei o que dizer para a nossa Cida. A nossa Elvira me diz que devemos a ela o que se deve a um coração de mãe que o Céu transformou numa filha ou numa companheira querida. Cida abençoada, vi suas lágrimas, ouvi as suas palavras de bênção, sufocada de dor...

Ah! você nunca mais nos deixará, a nós, os amigos, que lhe pertencemos ao coração.

Nosso Romeu e nosso Carmelinho, principalmente, me auxiliarão para que você permaneça com as nossas crianças, com as nossas tarefas, sem se retirar de nossa família que é também sua. Deus a recompense por tudo que recebi de sua assistência e de seu carinho.

Querida Hilda, muito obrigado por sua dedicação para com a nossa Aparecida, nestes meses últimos em que tantas transformações se verificaram para nós.

Querido Romeu, tenho todos os filhos no carinho de sempre. O Valdinho com a Aracy, o Rubens com a Cicina, o Carmelinho com a Henriqueta e você com a nossa Hilda (3). Sou agradecido a todos.

Peço digam ao Carmelinho para se alegrar. Felizmente, vejo a presença dele e da esposa, onde estive, e compreendo as saudades que são nossas. Estimaria ter podido esperá-lo da viagem para voltar para a Vida Nova em que me encontro, mas eu não mantinha mais governo sobre as minhas faculdades e os protetores espirituais julgaram mais

oportuno que eu retornasse no justo momento em que passei ou me passaram (4).

Romeu, a fé, com o Auxílio de Deus, funcionou em meu benefício. Vendo ao meu lado vários amigos, junto de mim, tão-logo abri os olhos, consciente para a realidade, reconheci que era preciso aceitar a minha transferência sem reclamações. A nossa querida Elvira continuou, junto de mim, nos cuidados que a nossa Cida me dispensava e nosso Doutor Orlando me auxiliou com dedicação nos diálogos de cura. Senti-me hospitalizado, como na Terra mesmo, com a diferença de que no tratamento em Rio Preto, o corpo definhava gradativamente, embora o apoio constante que eu recebia, e aqui, à medida que os dias se passaram, experimentei uma certa revitalização e continuo a assinalar essa mesma revitalização que me atinge todas as forças.

Notei que os amigos vieram aos poucos para os votos de melhoras e boas vindas. O Doutor Orlando e o Germano (5) foram dos primeiros a me prestarem auxílio. O irmão Casemiro (6) até hoje me aplica recursos de amparo espiritual, através de passes e outros companheiros vieram... Foi o Lidai a encorajar-me, o Dominginhos (7) a me trazer otimismo e esperança.

De nossos conhecimentos de Rio Preto, tive a presença dos nossos amigos Dr. Ugolino Ugolini, do Dr. Justino, do Dr. Fritz, do Leão, do Tessarolo, do Zini, do Cavaleiro Romoaldo Negrelli, do Poletti, do Monsenhor Gonçalves, do amigo João Alves Monteiro, de Tanabi, dos irmãos Buzaid e Maraldi, de Mirassol e de muitos outros (8). O Hilário (9) vem me trazendo muito amparo e, nos últimos dias, tive a surpresa de receber a visita do irmão Moraes (10), de Votuporanga. É muita gente boa a que fico devendo

obrigações. Vejo aqui o nosso prezado Wilson, o nosso caro Luiz, e registro o abraço que me foi trazido pelo Januário (11). As lágrimas de reconhecimento molham meu espírito em cada reencontro e hoje compreendo que terei tantas saudades de todos vocês, meus filhos, tantas quantas sentia dos nossos que hoje me oferecem presença e carinho.

Estou no início de uma grande jornada para a qual estou refazendo a memória, pouco a pouco. Estou muito comovido pela possibilidade de escrever estas impressões e notícias. Não tenho recursos para transmitir ao papel o que sinto. Reconheço-me na posição de um homem com a alegria de uma criança ao retornar para os seus.

Romeu, sabemos que o caso da residência fora de Votuporanga era um problema para você e nossa Hilda, entretanto, os nossos amigos daqui me fazem portador de um pedido: a solicitação para que permaneçam com as nossas tarefas de Votuporanga, onde tantos corações queridos contam conosco. Sei que não estou em condições de aconselhar, mas o nosso caro amigo Dr. Orlando me recomendou seja este tópico um ponto do noticiário que estou trazendo aos entes queridos (12).

Cida, querida, quanto possível, estarei com você no apoio às nossas crianças e peço a você permanecer à vontade. É impossível que os nossos pedidos não sejam considerados por sua adesão. Somos uma família só perante Deus. Falando em crianças, peço ao Romeu dizer ao Valdinho que não me esquecerei de nossa querida Carmem Lúcia (13).

O desejo de prosseguir com esta carta é muito grande em meu coração, entretanto, ainda me reconheço em

refazimento, com a necessidade de disciplina, a fim de melhorar as minhas forças em menos tempo.

A todos os nossos, sem me esquecer dos irmãos Domingos e José (14), as minhas muitas lembranças. Os amigos que vieram em nossa companhia endereçam muito carinho às irmãs presentes e eu, querido filho Romeu, reunindo você, Hilda e Cida em meu carinho, com todos os meus filhos e noras ausentes num abraço de muita alegria e de muitas saudades, sou o papai muito amigo de sempre que deseja, com o amparo de Deus, fazer-se o servidor de vocês todos.

Carmelo Grisi

A mensagem de Carmelo Grisi 6 meses e meio após sua desencarnação

O leitor encontrou na página de Carmelo Grisi grande número de citações, sobretudo de nomes de companheiros encarnados e desencarnados.

Pela ordem de aparecimento na mensagem, vamos identificá-los:

1) Romeu Grisi, sua esposa, Hilda Sestini Grisi e Cida-Aparecida Batista Ferreira, abnegada senhora que voluntariamente assistiu o Sr. Carmelo, em seus últimos anos de permanência na Terra, quando a enfermidade exigia, junto dele, a presença de carinhosa irmã. Daí o evidente reconhecimento e preito de gratidão que lhe é prestado, pelo Espírito do Sr. Carmelo.

2) Elvira Abrigatto Grisi, a esposa que o antecedeu na passagem para o Plano Espiritual.

3) Os filhos: Valdinho-Reodovaldo e sua esposa, Aracy Aiello Grisi; Rubens e sua esposa, Tomazina Joana Carrazzone Grisi; Carmelo Júnior e sua esposa, Henriqueta de Oliveira Grisi; Romeu e sua esposa, Hilda Sestini Grisi.

4) Carmelo Júnior estava ausente, quando do falecimento do pai; com precisão do Sr. Carmelo registra o fato do Além e tranqüiliza o filho.

5) Dr. Orlando Van Erven Filho e Germano Sestini, co-autores espirituais no livro VIDA NO ALÉM, recente lançamento do GEEM de São Bernardo do Campo.

6) Pioneiro espírita de Votuporanga, amigo de Carmelo Grisi. Desencarnou no início de 1970.

7) Lidai Benini e Domingos Pignatari, co-autores espirituais neste livro.

8) Engenheiro Ugolino Ugolini, italiano radicado em Rio Preto, desde o início do século; faleceu em 1914.

- Dr. Justino de Carvalho e Dr. Fritz Jacobs, já falecidos, médicos muito conceituados em Rio Preto e região.

- Leão Manoel Ramires Azevedo, também companheiro de Carmelo Grisi, em Rio Preto.

- Vasco Tessarolo, italiano que fixou residência em Rio Preto, tendo aí falecido em 1952.

- Ettore Zini, amigo pessoal de Carmelo Grisi, argentino de nascimento. Desencarnou em Rio Preto, a 24 de julho de 1978.

- Cavalheiro Romoaldo Negrelli, natural de Ribeirão Preto, desde a década dos vinte, em Rio Preto. Faleceu na Itália em 1928.

- Poletti, ainda não conseguimos identificar, mas pela nossa experiência no estudo das mensagens psicografadas por Chico Xavier, sabemos que os esclarecimentos estão a caminho.

- Monsenhor Gonçalves, sacerdote e educador português, a quem muito deve São José do Rio Preto. Faleceu em 1944.

- João Alves Monteiro, amigo de Carmelo Grisi, residente na época em Tanabi-SP, onde faleceu a 27 de novembro de 1949.

- Irmãos Buzaid, Alexandre e Baraquete Buzaid, amigos de Mirassol, já falecidos.

- Sylvano Maraldi e Américo Maraldi, proprietários da Casa Maraldi em Mirassol. Desencarnados, respectivamente, 1945 e 1955.

9) Hilário Sestini, co-autor espiritual no livro VIDA NO ALÉM.

10) José de Moraes, pioneiro espírita de Votuporanga, falecido a 8 de setembro de 1980.

11) Wilson Coelho, sobrinho-neto de Carmelo Grisi, presente à reunião em que Chico Xavier recebeu a mensagem de Carmelo. Luiz é seu pai; ambos residem em São José do Rio Preto. Januário, sogro de Luiz e avô de Wilson, falecido em 1957.

12) Romeu Grisi, quando da enfermidade do Sr. Carmelo, realmente pensava em mudar-se de Votuporanga, para ficar mais perto do pai.

13) Carmem Lúcia Grisi, neta de Carmelo Grisi, residente em Jaboticabal.

14) José Grisi e Domingos Grisi, irmãos de Carmelo. Domingos faleceu recentemente, a 14 de novembro de 1980.

FIM